

## **Representações da TV nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa**

**BERGMANN, Leila Mury** – UFRGS

**GT:** Educação Fundamental /n.13

**Agência Financiadora:** Não contou com financiamento.

Ao debruçar-me sobre os Livros Didáticos de Língua Portuguesa<sup>1</sup> (LD de LP) que estão sendo utilizados pelos alunos de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental, um aspecto relevante chamou-me a atenção de imediato: a quantidade de textos que abordam o assunto “Televisão”. Assim, uma primeira busca do porquê da inclusão deste tema nos LD (particularmente a partir dos anos 90) apontou-me para a possibilidade de que o livro escolar estivesse procurando *aproximar-se* mais dos alunos através da temática TV - um veículo que, sabe-se, exerce significativa atração e influência sobre crianças e adolescentes. Desta maneira iniciei minha pesquisa procurando responder a seguinte pergunta: de que forma a TV vem sendo apresentada/representada aos alunos na sala de aula e, mais precisamente, como este tema aparece nos LD de LP?

Para realizar este estudo<sup>2</sup>, foram selecionadas 6<sup>3</sup> das 35 coleções de LD de LP, de 5a à 8a série, aprovadas pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) 2002. O critério de escolha destas 6 coleções está relacionado ao maior número de livros distribuídos pelo MEC atendendo aos pedidos dos professores das 264 escolas estaduais de Porto Alegre. Ou seja, os livros que analisei foram (no ano de 2002 e 2003) os mais utilizados pela maioria dos alunos das escolas públicas da capital do estado do RS.

### **REPRESENTAÇÕES:** \_\_\_\_\_

---

<sup>1</sup> Doravante LD de LP.

<sup>2</sup> Este artigo é em uma síntese da minha Tese de Doutorado, *Representações da TV nos Livros Didáticos de Língua Portuguesa*, defendida em dezembro de 2002, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (Ufrgs), sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Hessel Silveira.

<sup>3</sup>1) LINGUAGEM NOVA (Faraco e Moura); 2) ENCONTRO E REENCONTRO EM LÍNGUA PORTUGUESA – REFLEXÃO E AÇÃO (Marilda Prates); 3) PORTUGUÊS: *LINGUAGENS* (Thereza Cochar Magalhães e William Roberto Cereja); 4) TECENDO TEXTOS – ENSINO DE LÍNGUA ATRAVÉS DE PROJETOS (Antônio de Siqueira e Silva, Rafael Bortolin e Tânia Amaral Oliveira); 5) A PALAVRA É SUA (Celso Pedro Luft e Maria Helena Correa); 6) ENTRE PALAVRAS – Língua Portuguesa (Mauro Ferreira do Patrocínio).

Para significar ou representar (*a tv, no caso*) fazemos uso de símbolos - podendo ser sons, palavras escritas (*e aqui eu estou pensando nos LD; ou seja, no como eles fazem referência à TV, tomando-a como tema, assunto*), imagens produzidas eletronicamente, notas musicais; enfim, até objetos - que significam ou representam para outras pessoas nossos pensamentos, idéias, conceitos e sentimentos (Hall, 1997). Importa lembrar aqui que esses processos de construção das representações estão sempre relacionados a questões econômicas, sociais, políticas, enfim, têm a ver com questões de lutas por imposição de certos sentidos, num *jogo* incessante de interpelação do outro, no caso, dos sujeitos-leitores.

Neste sentido, esclareço que no decorrer das análises deste estudo, apareceram idéias conflitantes; ou seja, não necessariamente situadas na mesma matriz de pensamento. Assim, há os teóricos que vêem criticamente (dentro de uma visão, digamos, *pessimista*) a possível contribuição da mídia e, particularmente da TV e sua ingerência nos processos educativos tradicionais (incluindo aí, os LD) e há os que vêem na modernidade tecnológica a redenção da educação; ou seja, há autores que sugerem que os LD devam inserir elementos midiáticos para que o aluno-leitor deste material possa atualizar-se e estar atento ao que acontece em seu meio. Também existem os que, como eu, acham que não é apenas uma questão de posicionar-se a favor ou contra, mas de analisar as articulações entre os diversos discursos e concepções que tomam forma na interseção TV/LD.

### ***O LIVRO DIDÁTICO (DE LÍNGUA PORTUGUESA): considerações gerais*** \_\_\_\_\_

Comenius, professor e filósofo, foi o criador deste instrumento pedagógico: o Livro Didático. Nascido no século XVII, este autor perseguiu, durante trinta anos de sua vida, um ideal relacionado a um programa educativo baseado na *pansofia*: que *todos* saibam *tudo*. O autor escreveu então a sua obra, a *Didática Magna*, acreditando que os educadores deveriam *ensinar tudo a todos*. Assim, a visão deste filósofo pode ser interpretada como uma referência inicial e fonte de futuras preocupações teóricas importantes para a nossa compreensão a respeito da pedagogia moderna.

Entre as várias influências da obra de Comenius que podem ser detectadas nas escolas de hoje, encontra-se, conforme já dito acima, a utilização do LD, pois ele percebia a pedagogia “atrelada” a uma organização dos conteúdos em forma de um LD. A

preocupação maior do autor estava relacionada ao fato de que não existiam (na época, séc. XVII) livros de textos adequados aos alunos. Mais: não existia, no desenvolvimento dos programas, nada que fosse atraente para as crianças. Partindo da idéia de que se deveria educar *todos ao mesmo tempo e de uma só vez*, ele inaugurou a homogeneização obrigatória do grupo de educandos, com a presença de um professor dirigindo-se a um grupo de alunos como se todos eles fossem um só (Narodowski, 2001).

A esse respeito, é possível fazer aqui algumas observações. A primeira delas seria a de tentar aproximar o modelo sugerido por Comenius sobre a instrução simultânea com os atuais PCNs (Padrões Curriculares Nacionais), que também “defendem” a idéia de um currículo unificado. Lançados pelo MEC em 1997, os PCNs formam um conjunto de diretrizes norteadoras do ensino fundamental e médio e consideram a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as escolas brasileiras.

Uma outra observação relaciona-se ao Livro Didático em si; ou seja, pode-se observar como os LD de LP atuais (2002) assemelham-se (mantendo o formato) aos livros do modelo teórico-didático sugerido por Comenius no século XVII. De modo geral, os LD de LP trazem, nas primeiras páginas, um Sumário<sup>4</sup> que apresenta os conteúdos que deverão ser estudados por todos os alunos ao longo do ano letivo sob forma de capítulos, temas ou unidades. Os conteúdos gramaticais também respeitam, ainda, o *princípio da graduação*; ou seja, nas séries iniciais (5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup>) verifica-se o estudo das classes de palavras, das sílabas, tipos de sujeito, períodos simples, etc. para depois os alunos partirem para a classificação de períodos compostos, de análises de textos maiores e mais complexos.

Fazendo um grande corte agora, procurarei tecer alguns breves comentários a respeito da trajetória do LD de LP no Brasil. Para iniciar, resalto que constitui um desafio escrever a esse respeito, uma vez que esse tema é realmente amplo. Para Lajolo (1996 p. 4):

Didático (...) é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o *que se ensina e como se ensina* o que se ensina.

Geraldi (1993) nos lembra que, nos anos 1970-1980, houve um crescimento da população escolar nas escolas públicas, exigindo-se, desta maneira, um número maior de

---

<sup>4</sup> Nas 6 coleções investigadas, aparece o Sumário em todos os livros de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries.

professores. Conforme o autor, conseqüentemente, professores foram formados em cursos rápidos, sem maior embasamento teórico. Assim “a solução para o despreparo do professor, em dado momento, pareceu simples: bastaria oferecer-lhe um livro que, sozinho, ensinasse aos alunos tudo o que fosse preciso” (Idem, p. 116-117).

Está claro que tais fatos (entre tantos outros) se refletiram na elaboração e no uso dos LD de LP. Sabe-se também que muitos professores *precisam* do Livro Didático para ministrar suas aulas. As razões são as mais diversas. Algumas delas, Geraldi já intuía, em 1993, em sua obra *Portos de Passagem*:

A tecnologia, que permitiu e permite a produção de material didático cada vez mais sofisticado e em série, mudou as condições de trabalho do professor. O material está aí: facilitou a tarefa, diminuiu a responsabilidade pela definição de conteúdos de ensino, preparou tudo – até as respostas para o manual ou guia do professor. E permitiu elevar o número de horas-aula (com as tarefas do tempo anterior, seria impossível a um mesmo sujeito dar 40 a 60 horas de aula semanais, em diferentes níveis de ensino) (p.94).

Lajolo (1996) nos lembra ainda que várias mudanças ocorreram no ensino básico e os LD começaram, embora timidamente, a apontar para uma, digamos, revisão de recursos e procedimentos relacionados ao ensino de Português. A esse respeito, observa-se que os LD recomendados pelo Ministério da Educação (MEC, 1997) vêm, em geral, empregando textos extraídos de jornais, revistas, da tradição oral, da produção editorial, etc. Ainda:

Neste fim de década, vivemos todos, do Pólo Norte ao Pólo Sul da Terra, um processo aparentemente irreversível de globalização, cifrado nas mais diferentes linguagens. A escola precisa ter a capacidade de interagir com todas elas, fazendo-se palco do grande diálogo de linguagens e de códigos que, porque existem na sociedade, precisam estar presentes na escola, sendo o *livro didático* um bom portador para elas. Lajolo (1996, p. 5).

### ***O PNLD (Programa Nacional do Livro Didático)*** \_\_\_\_\_

O PNLD foi criado em 1985 e tinha como principais objetivos a escolha do livro pela escola, com a participação dos professores do Ensino Fundamental mediante análise, seleção e indicação dos títulos, a universalização do atendimento a todos os alunos do Ensino Fundamental e a adoção de livros reutilizáveis. Em 1994, o PNLD ainda enfrentava dificuldades tanto no campo da distribuição do LD como (e sobretudo) no campo da qualidade notadamente relacionada ao conteúdo.

Assim, o LD vinha, há cerca de algumas décadas, sendo objeto de inúmeras pesquisas e discussões em âmbito político, acadêmico e econômico. Vários estudos foram

feitos sobre o LD, problematizando seu caráter político-ideológico, seu conteúdo, sua utilização, produção, qualidade, economia e sua distribuição. No que se refere à qualidade, em 1993, foi instituído um Grupo de Trabalho encarregado de analisar os conteúdos programáticos e os aspectos pedagógico-metodológicos de livros para as séries iniciais do Ensino Fundamental. Por esse grupo foram analisados os 10 títulos mais solicitados pelos professores no ano de 1991 nas áreas de Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências. Esses livros correspondiam a 94% das aquisições do Governo Federal naquele ano. O resultado destas análises (conforme dados do MEC)<sup>5</sup> *constituiu um marco na política do LD. Muitos foram os problemas identificados nos livros avaliados pela equipe responsável pela avaliação, que iam desde projetos gráficos inadequados à boa leitura, com excesso de ilustrações sem coerência com o texto, além de fragilidade nas propostas pedagógicas.*

Em face do resultado desses estudos, iniciou-se um intenso processo de avaliação do LD, a partir de 1995. A partir deste ano, a atual gestão do Ministério, estabelecendo o PNLD como uma de suas prioridades, incorporou ao programa outras duas etapas, caracterizadas oficialmente como “de caráter pedagógico”: a avaliação e, mais recentemente, a orientação dos professores para a escolha dos livros. Até o momento foram realizadas quatro avaliações tendo como resultados concretos a produção dos Guias de LD<sup>6</sup> de 1ª a 4ª séries dos anos de 97, 98 e 2001 e os guias de LD de 5ª a 8ª séries dos anos de 1999 e 2002. Nos seus mais de vinte anos de existência, a maior mudança implementada no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) atende pelo nome de *avaliação pedagógica*. Se até 1995 o Ministério da Educação limitava-se a listar os livros didáticos em ordem alfabética, agora ele veta publicações. Na avaliação de 1996, referente ao ano de 1997, 80 das 466 obras analisadas foram banidas. Em 2001, 76 dos 454 livros inscritos acabaram excluídos; ou seja, nem foram publicados. A respeito das questões relacionadas a publicações, em seu artigo *Publicação e Poder*, Johnson (1999, p. 48) nos diz que “a produção cultural freqüentemente envolve publicação – o tornar público formas privadas (...) os textos públicos (*e os livros didáticos*) são consumidos ou lidos privadamente”. [grifo

---

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.Mec.gov.br/>. Acesso em 10/07/2002.

<sup>6</sup> Os Guias, elaborados pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) e distribuídos pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento), trazem resenhas das coleções avaliadas e recomendadas para o PNLD/2002. Apresentam, também, os princípios e critérios gerais, os critérios específicos das áreas e as fichas detalhadas que orientam o trabalho dos especialistas na análise dos livros. (<http://www.fnde.gov.br/pnld/guia2002/000/introducao.htm>).

meu]. Esta relação entre o “público e o privado” poderia ser direcionada para a questão do poder do MEC ao incluir/excluir Livros Didáticos que, embora sejam distribuídos gratuitamente nas escolas públicas, são também comprados por milhões de alunos de escolas da rede particular de ensino, que procuram seguir a *avaliação pedagógica* do PNLD<sup>7</sup>.

O processo de Avaliação dos Livros Didáticos na área de Língua Portuguesa é semelhante ao processo das outras áreas (Ciências, Matemática, História e Geografia). A base da análise está configurada num conjunto de critérios de que fazem parte os conceitos expressos numa ficha de Avaliação que cada avaliador recebe, e que se encontra publicada nos Guias de LD para cada área. O avaliador deve ser alguém que possua um vínculo com a universidade e com a escola pública; ou seja, ele já deve ter lecionado ou leciona atualmente, forma professores e, ao mesmo tempo, estudou e possui, pelo menos, Mestrado na área de Educação, Lingüística Aplicada, Lingüística, Letras ou em Literatura. As fichas são analisadas por dois avaliadores da equipe que recebem um acompanhamento de um coordenador<sup>8</sup>. O resultado final é utilizado para construir uma base quantitativa de dados que permite a análise global do perfil geral dos livros. Assim, cada LD recebe uma das seguintes menções: ou é “Excluído” ou é “Recomendado<sup>9</sup>” (R). “Recomendado” significa que é um bom livro, é um livro útil que atende aos critérios estabelecidos. “Recomendados com Ressalvas (RR)” significa que o livro, mesmo atendendo a critérios, deixa a desejar em alguns pontos, embora não seja totalmente impossível de usar. “Recomendado com Distinção” (RD) é uma menção atribuída quando o livro atende aos critérios estabelecidos e, além disso, apresenta alguns trabalhos extremamente inovadores, interessantes, de qualidade, etc.

---

<sup>7</sup> O Simpósio *A Lingüística e o Ensino de Língua Materna*, evento no qual participei como ouvinte, realizado em Juiz de Fora, na UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), nos dias 14 e 15 de março de 2002 tratou, sobretudo, do PNLD: o que é, como funciona, para que serve e quais os seus efeitos diretos nas escolas, nas editoras, etc. Os palestrantes presentes neste Simpósio eram, em sua maioria, pessoas ligadas ao Programa Nacional do Livro Didático.

<sup>8</sup> Se não há consenso entre os dois avaliadores, há sempre uma 3ª opinião, que é a do subcoordenador ou do coordenador adjunto, que consolida a avaliação. Ou seja, não se trata de uma avaliação individual; é uma avaliação acompanhada pela equipe como um todo e feita por pelo menos três pessoas além das coordenações.

<sup>9</sup> Os livros “RR” recebem uma estrela, os “R” recebem duas e os “RD” recebem três estrelas. Em 2002 nenhum livro didático de Língua Portuguesa recebeu três estrelas. Basicamente isso se deu devido ao fato de os livros apresentarem problemas em relação ao tratamento da oralidade. Estes problemas vão desde a falta de sugestões de mais atividades orais nos livros até noções consideradas equivocadas a respeito da fala. Sobre essas questões ver Marcuschi em “O livro didático em questão: múltiplos olhares” (2002).

Conforme o Prof. Luiz Antônio Marcuschi<sup>10</sup>: “O grande problema não é arrumar critérios para incluir ou excluir o livro numa lista de Bom Livro. O que deve haver é a capacitação daqueles que vão utilizar esses livros; porque você não joga na aula as coisas sem capacitar os indivíduos pra esses novos materiais“. [grifo meu]. No que diz respeito a esses *novos materiais* referidos pelo autor acima, a seguir, como uma espécie de introdução às representações da TV nas páginas dos LD, trago algumas considerações gerais a respeito das *ilustrações* nos mesmos, por acreditar que elas abriram terreno para que diversas novas linguagens midiáticas se inserissem nas – outrora em preto e branco – páginas dos livros didáticos.

### ***ALGUMAS NOVIDADES NOS LD DE LP*** \_\_\_\_\_

Uma das “novidades” nos LD de LP atuais que me parece relevante por modificar, de certa forma, o andamento das aulas, é o fato de haver, agora, *também* nos livros dos alunos as mesmas “Sugestões de Atividades” que estão escritas no Livro do Professor. Por exemplo, na coleção “Linguagem Nova”<sup>11</sup>, aparecem, ao final das Unidades, *Sugestões de Atividades Complementares* do tipo:

*Em grupo ainda, vocês podem fazer a transposição para um programa de TV (Fantástico, por exemplo) da matéria O povo das cavernas que vocês criaram. Lembrem-se de fazer um roteiro detalhado, de adaptar a linguagem, de eliminar detalhes desnecessários. Procurem ser bastante sensacionalistas, como costuma ser esse programa tão conhecido de todos os brasileiros.*

Ou seja, o fato de aparecer nos LD dos alunos essas idéias/estratégias, pode servir como um tipo de sugestão aos alunos para que, ao se interessarem pelo tipo de atividade, questionem o professor sobre o porquê de não realizá-las, já que elas estão expostas nos livros dos estudantes.

Uma outra “novidade” que pode ser apontada diz respeito às letras de músicas. A partir dos anos 80, aproximadamente, os LD passaram a incluí-las, principalmente em suas análises de “Compreensão/Interpretação de Texto”. Somente nas coleções analisadas em meu estudo, verifiquei a existência de mais de 100 letras de músicas. Chamou-me a atenção, por exemplo, o fato de haver - em duas das coleções analisadas - uma canção de

<sup>10</sup> Em palestra ministrada no já referido Simpósio *A Linguística e o Ensino de Língua Materna*.

<sup>11</sup> 7ª série, p. 123.

Chico Buarque de Holanda sobre a Televisão (a música intitula-se “A Televisão”), de 1967. O que faz com que livros de 2002 apresentem aos jovens uma letra de música tão antiga? Também aparece, num dos LD, uma outra canção, mais atual (1985), de Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Tony Belloto, do grupo “Titãs”: “Televisão”. Bem, mas o fato é que, além dessas letras de música sobre o tema TV, aparecem mais de 30 textos (crônicas, em geral) abordando esta temática. Vejamos, primeiro, algumas considerações a respeito deste meio de comunicação tão *polêmico*.

### ***A TV: A REAL(IDADE) TELEVISIVA***

---

Apesar de a televisão constituir-se num artefato cultural relativamente *novo* – visto que data de 1950 a 1ª transmissão televisiva no Brasil – muito já se foi dito/pesquisado/analizado sobre ela. Desde a sua implantação, a TV tem passado por muitas transformações tanto no campo da transmissão, como da produção e recepção. Algumas dessas mudanças podem ajudar a relembrar parte da história da televisão: a colocação do televisor no ponto de maior destaque e visibilidade da sala de estar<sup>12</sup> indicando o lugar do veículo nas vidas das pessoas, o advento do videotape e da cor, a formação das redes, o avanço da qualidade técnica e estética, a presença cada vez mais marcante da publicidade e do *merchandising*, o surgimento das faculdades de Comunicação, o acesso de grande parcela da população ao aparelho receptor e a quase que extinção dos “televizinhos”, o advento do videocassete e do controle remoto, a presença de mais de um aparelho nos lares de classe média, o aparecimento das redes mundiais de acesso público; enfim, estes são apenas alguns dos vários elementos que poderiam ser citados/lembrados, quando se procura fazer um resumo amplo do panorama da TV nas últimas décadas. Ainda: recentemente, o surgimento dos canais pagos no Brasil, dirigidos a públicos altamente segmentados, tem gerado novos procedimentos nos campos da produção, da transmissão e da recepção, na postura do telespectador e, mesmo, na relação entre as pessoas.

De modo particular, nas escolas, observa-se também que os alunos que não assistem a determinados programas ficam “de fora”; ou melhor, “por fora” das piadas e/ou

---

<sup>12</sup> A esse respeito, ver o livro de Fischer (1984) “O mito na sala de jantar”, que trata da mitologia das narrativas televisivas, a partir de uma análise de entrevistas com crianças e adolescentes, sobre sua relação com a TV.



comentários que os colegas fazem a respeito. Saber, então, quem recebeu o primeiro prêmio ou quem foi excluído do Big Brother<sup>13</sup> é uma espécie de condição para ser aceito no grupo. Isso implica até o modo de falar como um personagem televisivo que está *na moda*... A TV promove mudanças de fora para dentro, procurando construir aparências universais, tais como o modo de vestir, de falar, de agir; enfim, de se comportar.

Alvo de inúmeras críticas, o fato é que a TV passou a fazer parte do cotidiano, do referencial de vida de quase todas as pessoas, “apocalípticas” ou “integradas”, fazendo uso aqui dos termos de Umberto Eco<sup>14</sup> pois, ainda que seguindo em direções opostas, o público é igualmente atraído pela força da televisão.

Segundo Machado (2000, p. 18, 19), é possível distinguir *duas maneiras* extremas e *opostas* de tratar a televisão que o autor denomina de *modelo de Adorno* e *modelo de McLuhan*. Para o primeiro, “a televisão é um mau objeto (...) mesmo que todos os trabalhos mostrados em suas telas fossem da melhor qualidade”, enquanto para o segundo, “a televisão é congenitamente boa (...) mesmo se só existisse porcaria em suas telas”.(p. 17, 18). Penso que a questão da TV deve ser abordada conforme o pensamento de Machado (2000), Fischer (2001), Belloni (2001), Rocco (1989), entre vários outros autores que estão preocupados em pensar a televisão de uma maneira diferente, ou seja, fora dessa dicotomia do modelo ou da estrutura “boa” ou “má” *em si* (Machado, 2000).

Particularmente em relação à escola, sabe-se que a TV é mesmo uma “fiel companheira” dos alunos e que este tipo de veículo de comunicação seduz completamente o público jovem. Em recente pesquisa (julho/2002) a UNICEF<sup>15</sup> (Fundo das Nações Unidas para a Infância) divulgou alguns dados a respeito de como os adolescentes vêm se “relacionando” com a TV. Foram ouvidos 5.280 adolescentes em todo o Brasil de diferentes gêneros, raças e classes sociais. Os resultados mostram que o adolescente

---

<sup>13</sup> No Brasil, o primeiro programa (diferente do “original” em algumas formas mantendo, porém, a “essência” de transmitir a realidade e o convívio entre estranhos como base para o sucesso), foi chamado “No Limite” e transmitido, pela Globo, pela 1ª vez em 23/7/2000. Talvez por ser “novo” no Brasil, os LD de LP ainda não se referem a esse tipo de “reality show”. Fontes: <http://www.champ.com.br/bbb/> ; <http://bbb1.globo.com/BigBrother/home/> e [www.deniseac@tv.globo.com.br](mailto:www.deniseac@tv.globo.com.br) (Chefe do Departamento de Documentação da Rede Globo de Brasília). Acesso em: 25/08/2002.

<sup>14</sup> Título do livro *Apocalípticos e Integrados* (1970), no qual o autor sustenta a idéia de que é necessário fazer uma reflexão crítica a respeito da linguagem da imagem. O referido livro de Umberto Eco é uma das principais obras da área de comunicação, uma obra clássica, onde o autor elabora uma minuciosa análise exatamente a respeito das oposições entre cultura erudita e cultura popular, cultura erudita e cultura de massa.

<sup>15</sup> Em <http://www.unicef.org/brazil/>. Acesso em: 1º/07/2002.

brasileiro fica, em média, cerca de 4h por dia em frente à televisão. Segundo o Unicef, novelas e minisséries são mesmo os programas preferidos pelos jovens de 12 a 17 anos.

Conforme Rezende (2001), vários educadores salientam a necessidade de se trabalhar com a mídia em geral (e com a TV em particular), como fonte de conhecimento na vida cotidiana, para que os alunos possam ressignificá-los em outra perspectiva. No Brasil, há uma linha de atuação - em torno da prática de educação crítica para os meios - em que se inserem Maria Luíza Belloni, Sérgio Caparelli, entre outros. Na visão desses autores, para fazer da escola uma instituição de todos e para todos, é necessário realizar um trabalho que possa vir a interessar os estudantes tornando o *fazer pedagógico* um espaço de construção prazerosa de conhecimentos.

Está claro que o papel da escola não seria o de direcionar/desaconselhar, por exemplo, a audição de qualquer programa televisivo, mas sim aproveitar as situações descritas e conhecidas pelos alunos como ponto de reflexão a respeito dos valores (qualquer que sejam) “colados” nestas narrativas, ou seja, poder pensar sobre diferentes possibilidades, analisar as várias alternativas, criar novas soluções, enfim, abandonar a postura passiva de apenas ouvir a TV ou mesmo ler sobre ela nos LD de LP e não refletir/questionar, etc. A seguir, abordo os seguintes aspectos fundamentais a serem analisados nos conteúdos dos LD; a saber: os *modos de endereçamento* e a *audiência*.

### ***MODOS DE ENDEREÇAMENTO (TV e LIVROS DIDÁTICOS)***\_\_\_\_\_

O estudo de Ellsworth (2001) a respeito de cinema e que ela amplia para a Educação pode ser direcionado também para um olhar a respeito do LD; ou seja, poderia ser perguntado ao aluno “quem este livro pensa que você é?”; ou, talvez, “o que este livro quer que você pense a respeito da TV?” Assim, seguindo o conceito de endereçamento de Ellsworth (2001), os filmes, assim como os livros, os comerciais de televisão, são feitos *para* alguém. Eles visam e imaginam determinados públicos. Penso que os autores dos LD de LP fazem uso, de certa maneira, do que a autora chamou de *mudança de endereçamento*; ou seja, transferem seu público (os alunos, no caso) de um lugar no qual eles não querem mais estar (na escola), para um lugar em que eles gostariam de estar (vendo TV).

Arrisco afirmar que os autores dos livros estão preocupados com esta “competição” com a televisão; ou seja, procurando cativar um *público fiel* escrevem sobre a TV nos livros. Nas 6 coleções analisadas, a maioria dos textos que abordam o tema (televisão) fala sobre os efeitos *nocivos* da TV, sobre como ela suscita a violência, emburrece/aliena e engana o telespectador, além de ser a culpada pela *desagregação da família*, que não senta mais à mesa para comer e sim, em frente à telinha, etc... Quer dizer, fala-se sobre o “possível” assunto que os alunos gostariam, mas... fala-se também *mal* desse assunto, apontando seus *defeitos*.

Porém, algumas atividades inseridas nos LD que se seguem (após os textos apresentados que “abrem” uma Unidade ou Capítulo do livro, que aborda a temática TV) são interessantes e variadas. Elas são *democráticas* no sentido de procurar trazer "o outro lado da questão", fazendo com que os alunos expressem suas opiniões e argumentem sobre os - também! - aspectos positivos da TV. Há idéias, estratégias e sugestões de atividades originais. Mas também aparecem algumas bem repetitivas, como pedir aos alunos que perguntem aos pais como era no tempo em que não se assistia *tanto* à televisão. Entretanto, mesmo que surjam, após a exposição dos textos, atividades que abram espaço para uma, digamos, *outra visão* sobre o assunto, ainda assim, o texto primeiro, negativo, parece-me ser muito forte, pois é o “exemplo”, a primeira idéia apresentada sobre o tema. Desta maneira, o fato de iniciar, diversas vezes, o assunto TV nos LD utilizando, por exemplo, uma idéia negativa/saudosista a respeito deste meio de comunicação, pode ser visto como uma estratégia pedagógica e, ao mesmo tempo, aculturadora, na medida em que parece haver a intenção de regular as condutas e pensamentos do público leitor.

### ***QUESTÕES RELACIONADAS À AUDIÊNCIA (TV e LD)***\_\_\_\_\_

Kellner (1998) afirma ter sido uma grande contribuição dos Estudos Culturais salientar que todos os textos estão sujeitos a múltiplas leituras, dependendo das perspectivas e das posições de sujeito do leitor e que, desta maneira, membros de grupos distintos lêem os textos de diferentes formas. Não existe, segundo Kellner, uma audiência inocente, não condicionada pela sua experiência prévia (exceto talvez nas culturas que ainda não tenham sido expostas à cultura dos meios de comunicação globais). Conhecer

que tipos de sistemas de produção geram diferentes tipos de audiências pode ser que ajude aos estudos da recepção a entender melhor como as audiências atuam com os textos dentro de determinados sistemas. Por exemplo, as audiências esperam que as comédias (tipo de programas televisivos) lhes proporcionem bom humor e lhes levantem o ânimo. É bem provável que o desenvolvimento acelerado das novas tecnologias - incluindo o surgimento da TV - não tenha tido o tempo necessário para a civilização (ou melhor, parte dela) adaptar-se às novas possibilidades de interação com o mundo, por exemplo, que a televisão oportuniza. Como educadores, deveríamos refletir a respeito das palavras de Sarlo (1997 p. 164): **“é impossível regressar ao passado. O que passou, passou”**.

E, se a realidade que temos é a presença constante da TV na vida dos estudantes (na escola, nos LD e em suas casas), creio ser importante pensarmos que se pode (e deve!) se extrair até de programas como o *Big Brother Brasil* ou mesmo *Casa dos Artistas* lições sociais, tais como a dificuldade do convívio/comunicação entre pessoas, o estresse da convivência diária que lembra qualquer convivência familiar ou mesmo entre colegas de trabalho, a invenção de códigos para preservar um mínimo de privacidade entre os membros, a formação de sub-grupos ou “panelinhas” de sobrevivência social, as diferenças de se conduzir como líder, etc. Ou seja, pode-se sugerir um olhar para discernir, interpretar, deduzir, identificar...

### ***RETRATOS DA TV NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LP: ILAÇÕES*** \_\_\_\_\_

Com o intuito de ordenar os textos das coleções que selecionei de uma maneira que facilitasse e a leitura e *classificação* dos mesmos, optei pelas seguintes *categorias*: TV/alienação;TV/violência/valores;TV/saudosismo;TV/consumo/propaganda/publicidade; TV/professora/notícia/informação e TV/prós). Apenas para efeito didático e organizacional, procurei inserir os textos que analisei nos itens acima, consciente de que essas categorias estão todas interligadas, na medida em que acredito que os textos sobre *consumo e propaganda*, por exemplo, são, muitas vezes *violentos* ou, mesmo, que o *saudosismo* em excesso, digamos assim, pode ser considerado/visto como uma forma de *alienação*. Sem contar que o item, *TV/professora* <sup>16</sup> de uma certa forma, engloba todas essas categorias, se

---

<sup>16</sup> Ver os trabalhos de Fischer (1997) a respeito do “Estatuto Pedagógico da Mídia”.

estamos de acordo que ela (a TV) também nos *ensina*. Dessa maneira, alguns trechos dos mesmos textos estão incluídos em diferentes classificações, como, por exemplo, o artigo do autor Roberto Duailibi<sup>17</sup>, intitulado *Merecemos Respeito*, o qual, ao referir-se à TV como *notícia/informação* aborda, também, questões relacionadas à *violência televisiva*.

A respeito do que foi dito até então, particularmente ao uso do LD de LP em sala de aula, penso que debater sobre a TV (por exemplo, o fato de aparecer “na telinha” a violência em suas diversas nuances, conforme aparece em vários textos nas coleções analisadas), principalmente em se tratando de alunos de 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> série, na minha opinião, é tarefa cotidiana do professor procurar *formar pela informação*. Creio que, ao lermos e comentarmos em sala de aula textos como os aqui apresentados, debatendo com os alunos e argumentando/questionando, por exemplo, as possíveis origens da inclusão destes temas *violência/valores* presentes nos LD, pode levar a reflexões relevantes. Uma das orientações seria a de mostrar que, ao lado de tantas notícias violentas ocorrem, simultaneamente, outras, pouco alardeadas porque boas...

Está claro que os LD são um instrumento (por vezes o único) utilizado pelos estudantes; porém esses livros não ficam “soltos” em sala de aula. Sabe-se que há um professor “por trás” deles, o qual exerce diferentes maneiras de se relacionar com a *audiência*, com a sua *platéia* (os alunos). Assim, o educador possui um poder que vai desde a tarefa de eliminar, neutralizar ou mesmo distrair os alunos a respeito do que os LD dizem sobre a TV até fazer com que os seus estudantes debatam, discutam; enfim, reflitam a respeito do como a televisão vem sendo apresentada nos livros. Novamente aqui se faz presente a importância fundamental do papel do professor.

Diante do exposto, penso que o desafio que enfrentamos em nosso trabalho está em buscar novos olhares e estratégias de investigação, que nos permitam captar os sentimentos, os sentidos e significados que os adolescentes dão aos elementos televisivos em suas atividades diárias. Conforme Capparelli (2001) se não for assim, as discussões acabarão sempre em lamentos contra televisão. Acredito que os riscos encontram-se na possibilidade de abirmos terreno para a derrubada de algumas hipóteses, crenças e mitos... e o resultado

---

<sup>17</sup> Artigo retirado da coleção *Linguagem Nova*, 8<sup>a</sup> série, pág. 88-89. O texto aparece na Seção intitulada “Texto Complementar da Unidade 6”. Interessa pontuar que o referente artigo aparece duas vezes: a primeira, redigido no livro e depois, há uma cópia do mesmo texto, na íntegra, da página da Revista Veja (11/8/1993).

pode ser produtivo ao surpreendermo-nos com novas descobertas para além dos modelos preestabelecidos.

### Referências Bibliográficas:

CAPPARELLI, Sérgio. Sem preconceitos: por uma gramática audiovisual. *A educação em tempos de globalização*. SCHMIDT, Saraí (org.). Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2001.

CHARTIER, Roger. Trad. Mary Del Priore. *A ordem dos livros*. Brasília: UNB, 1998.

ECO, Humberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

ELLSWORTH, Elizabeth. Mode of address: it's a film thing. In: \_\_\_\_ *Teaching positions: difference, pedagogy and address*. New York: Teachers College Press, 1997, p. 21-53 (trad. de SILVA, Tomaz Tadeu).

FISCHER, Rosa M. Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. In: *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul. /dez.1997.

\_\_\_\_\_. *Televisão & Educação – fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

HALL, Stuart. The work of representation. In: \_\_\_\_ *Representation: cultural representation and signifying practices*. London: Thousand Oask; New Delhi: Sage, 1997.

KELLNER, Douglas. Vencer la línea divisória: estudios culturales y economia política. *Economia Política y Estudios Culturales*. Barcelona: Bosch Casa Editorial, S.A., 1998.

LAJOLO, Marisa. Livro Didático: um (quase) manual de usuário. EM ABERTO, Brasília, ano 16, n. 69, jan. /mar. 1996.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC, 200.

NARODOWSKI, Mariano. *Comenius & a Educação*. VEIGA-NETO, Alfredo (trad.). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

REZENDE, Élson. *Televisão, escola e professores*. Disponível em <<http://www.elsonrezende.hpg.com.br/tese/4>>. Acesso em: 20/08/2001.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.